

# GÊNERO, RAÇA E OUTRAMENTO

EM A QUESTION OF POWER

— RENATA S. DE MORALES | JULIANA F. RAMIRO

## RESUMO

Este artigo parte do entendimento de que o pós-colonialismo se apresenta, na literatura, para que o povo colonizado possa resistir às identidades que lhes são impostas. A partir da escrita de resistência, o dominado responde aos discursos que perpetuam a sua condição de estar no mundo e as relações de poder e subordinação as quais são submetidos. O nosso objetivo é observar a obra *A question of power*, da escritora sul-africana Bessie Head, a partir de um recorte de gênero e raça, fundamentado nos estudos de Jacques Lacan sobre o Outro, nas propostas de Gayatri Spivak a respeito dos conceitos de outramento e subalternidade e na concepção de ambivalência de Homi K. Bhabha. Acreditando que a leitura é possibilidade de encontro com a alteridade, propomos um movimento de questionar as estruturas que nos são impostas, como um primeiro passo para mudar a nossa existência no mundo.

**Palavras-chave:** Outramento, subalternidade, Leitura

## ABSTRACT

*This paper is based on the understanding that postcolonialism presents itself in literature as a movement that permits the colonized to resist the identities that are imposed on them. Based on a writing-back movement, dominated people can respond to the discourses that perpetuate their condition and the relations of power and subordination that they have been subjected to. Our objective is to observe the narrative A question of power, written by the South-African writer Bessie Head, based on a gender and race perspective, with the theoretical framework supported by the studies of Jacques Lacan on the Other, in the proposals of Gayatri Spivak about the concepts of othering and subalternity and Homi K. Bhabha's conception of ambivalence. Believing that reading is a possibility of encounter with otherness, we propose a movement to question the structures that are imposed on us as a first step to change our existence in this world.*

**Keywords:** Othering; subalternity; reading

## INTRODUÇÃO

**E**m *A question of power*, questões de gênero, raça e alteridade são colocadas pela autora Bessie Head, a partir da personagem principal da obra, Elizabeth. A temática definida por Head<sup>1</sup> é observada em outros textos pertencentes a chamada literatura de resistência pós-colonial, protagonizada, principalmente, por autoras e autores africanos, afro-americanos e indianos.

No estudo que propomos, partimos do entendimento de que a escrita pós-colonial é aquela que se desenrola no sentido de resistir à perspectiva colonialista. Para expressar a experiência colonizada, os escritores pós-coloniais procuram responder aos discursos que apoiam a colonização, isso é, os mitos do poder, as classificações e as imagens de subordinação.

O texto de Head apresenta uma personagem que vive em constante estado de alucinação. A forma como a autora descreve a loucura de Elizabeth faz com que o leitor aproxime-se dela e com ela vivencie, num movimento de alteridade, questões de raça e gênero. A obra, escrita no ano de 1973, é envolta no ambiente sociohistórico e cultural da África que vivia o *apartheid*, mais precisamente na Botswana.

Elizabeth é uma mulher que se encontra refugiada na Botswana, sem pertencimento territorial e filha de mãe branca e pai negro que, por sua condição mestiça, não se identifica, em um primeiro momento, nem com a cultura europeia, nem com a africana. *A question of power* mostra a busca de Elizabeth por pertencimento.

O objetivo deste artigo é observar a obra de Bessie Head, considerando o recorte de gênero e raça, a partir da teoria lacaniana sobre o outro e dos conceitos de outramento e subalternidade, fundamentados pela filósofa indiana Gayatri Spivak, partindo do pressuposto que a leitura é possibilidade de encontro com a alteridade.

Para dar conta do nosso objetivo, iremos buscar excertos na narrativa que possam ser analisados num movimento de questionamento. Acreditamos que questionar as estruturas que insistem em nos impor identidades, estigmas e estereótipos seja o primeiro passo para uma mudança na forma em que nos colocamos no mundo, o que justifica a existência deste estudo.

## O OUTRO EM LACAN

O termo outro foi utilizado de forma ampla no campo da filosofia existencial, notadamente por Sartre, na obra *O ser e o nada* (2016) ao estudar as relações entre o *selfe* e o outro que definem as identidades dos sujeitos. No entanto, é nos estudos freudianos e pós-freudianos, principalmente nas propostas de Jacques Lacan, com a análise da formação da subjetividade, que o termo ganha mais

[1] Estudo em andamento sobre a obra *A question of power* como parte de tese de doutorado com título provisório “A leitura como possibilidade de descolonização de si”, orientado pela Prof. Dra. Noeli Reck Maggi no Centro Universitário Ritter dos Reis.

aproximação com a forma com que é utilizado na fundamentação dos estudos pós-coloniais, a exemplo da teoria do outramento, de Gayatri Spivak, e de toda a concepção de alteridade dentro do pós-colonialismo.

Lacan, na obra *O seminário*, livro 11, no capítulo intitulado “O inconsciente freudiano e o nosso” (1979, p. 25), adianta um dos conceitos-chave que orientam a base da sua teoria: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. O autor sugere que a estrutura que subjaz o inconsciente, no sentido de que as relações humanas são derivadas de relações outras, já é determinada. Para ele, a partir de significantes que estão na natureza, as relações humanas são organizadas primariamente, e assim são originadas estruturas e moldes. Nesse sentido, antes que possamos pensar em formação do sujeito, devemos observar algo pré-subjetivo, que está ancorado na linguística, e que garante que possamos qualificar, acessar e objetivar o inconsciente.

Para Lacan (1953), o sujeito opera em três registros: o simbólico, o imaginário e o real. A separação proposta é justificada pelo teórico apenas como método, porquanto os três registros são, de fato, formadores de um nó, ou seja, estão de tal forma entrelaçados que, se deixarmos de lado um deles, se desfaz nossa organização psíquica.

O entrelaçamento dos registros marca os sujeitos enquanto sujeitos e os relaciona de forma constituinte ao próprio significante em uma estrutura que, para estar completa, depende dos movimentos de significação do sujeito a qual Lacan chama de estrutura do significante. Com isso, Lacan argumenta que na psicanálise os processos devem sempre ser vistos de forma circular entre sujeito e outro, “do sujeito chamado ao Outro, ao sujeito pelo que ele viu a si mesmo aparecer no campo do Outro, do Outro que lá retorna” (LACAN, 1979, p.196). Ainda neste sentido:

*O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se no sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. [...] o sujeito depende do significante e o significante está primeiro no campo do Outro. (LACAN, 1979, p.196)*

A noção de dependência do significante, e, por conseguinte, do outro, está relacionada à característica de ambiguidade do signo, o qual representa algo para alguém. Esse alguém, sugere Lacan, (1979, p. 197) “pode ser muitas coisas, pode ser o universo inteiro”, de forma que os signos estão à disposição do sujeito e o que eles representam pode ser tomado por qualquer um.

Nesse sentido, para Lacan (1979), o outro se apresenta, para o ser do sujeito, como o sentido de sua existência. Se pudéssemos optar apenas pela porção de ser que nos cabe, cairíamos em um não-senso. Se nos alicerçamos no sentido,

que é o outro, ele apenas subsiste “barrado”, como diz Lacan (1979, p. 197), da porção de não-senso que carregamos. É justamente nessa hiância que aparece a realização do sujeito. O não-senso é o inconsciente. A esse mecanismo Lacan dá o nome de alienação (1979). Talvez o exemplo mais elucidativo sobre o tema tenha sido apresentado pelo próprio Lacan (1979), a partir de uma simples frase que considera a liberdade (representando o ser) ou a vida (representando o outro): se escolhemos a liberdade, não temos o sentido da vida — portanto, não é possível a vida, tampouco, por consequência, a liberdade: perdemos as duas instâncias. Se, por outro lado, escolhemos a vida, a porção da liberdade escapa, temos a vida amputada da liberdade.

Ao longo de seus escritos, Lacan distingue o conceito de Outro (com “o” maiúsculo) do conceito de outro (com “o” minúsculo) e utiliza as duas grafias para diferenciar as abordagens. A distinção proposta por Lacan se configura como de suma importância para os estudos pós-coloniais. Segundo Roudinesco, a diferenciação entre outro e Outro é utilizado por Lacan

*[...] para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo.*

*Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno outro, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) a. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 558)*

Lacan optou por tratar da alteridade a partir desses dois conceitos para diferenciar “o que é da alçada do lugar terceiro que escapa à consciência (Outro), do que é do campo da pura dualidade, no sentido da psicologia (outro)” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 558). Na teoria lacaniana, segundo Golse (1998), o conceito de outro (com letra minúscula) remete ao outro que se assemelha ao *self*, aquele outro que a criança descobre durante a fase do espelho. Essa fase está relacionada à necessidade de termos o outro para que tenhamos acesso a uma dimensão de nós mesmos, que seria inacessível de outra forma. O olhar do outro confere identidade ao sujeito, ele o identifica nessa dialética do conhecimento de si pelo reconhecimento do outro.

Em transposição às teorias pós-coloniais, segundo Ashcroft (2007, p. 155), o outro (com minúscula) pode se referir aos sujeitos colonizados, marginalizados pelo discurso do império, identificados por serem diferentes do centro, que acabam por se tornar a base do ego do sujeito colonizador.

O Outro (com maiúscula), citando Nasio (1995, p. 271), é aquele aos olhos do qual o sujeito forma sua identidade. Esse outro pode ser exercido por demais representantes da cultura. A cada contato do sujeito com o mundo externo, o Outro se personifica como local absoluto ou abstrato a quem o sujeito se dirige. Novamente, no contexto pós-colonial, Ashcroft exemplifica essa relação afirmando que o Outro, que pode se referir à mãe, a qual, por estar separada do sujeito se apresenta como o primeiro foco do desejo; também pode se referir ao pai, cuja outridade posiciona o sujeito na ordem do simbólico, e podendo referir-se ao próprio inconsciente, porque esse se estrutura como uma linguagem separada daquela do sujeito.

Assim, os processos de colonização instituem, com base nas ações dos colonizadores e, posteriormente, nos registros que se perpetuam na história e na memória dos sujeitos, como postula Spivak (1985), os padrões, as referências e os pontos de vista do colonizador sobre o sujeito colonizado. Este, por sua vez, constitui-se pela via do discurso do Outro, e, adotando essa perspectiva como a única possível, coloca-se a margem, porquanto o significante que o toca é o que diz da sua condição de colonizado. Retornando a Spivak, a escrita, por si só, já constitui o ato de colonização pela imposição da cultura, sentidos e linguagem do colonizador sobre os sujeitos colonizados.

Em suma, mesmo que perturbador, o Outro é fundamental para o sujeito, pois é por meio desse referencial que o sujeito passa a existir fora da dimensão estritamente biológica. O Outro, ainda, faz-se crucial porque o sujeito existe sempre subordinado ao seu olhar. Ao considerar o colonizador como referência, como Outro, é “natural” perceber uma dependência do sujeito colonizado com seu colonizador.

## **OUTRAMENTO E SUBALTERNIDADE**

Quando falamos nos temas gênero, raça e colonialismo estamos falando, também, de alteridade. De forma genérica, pensar na alteridade é pensar nas relações do sujeito com o Outro, com todo aquele diferente, que não é o eu. O reconhecimento da existência do Outro é fundamental para que possamos buscar identificarmo-nos e reconhecerno-nos como pertencentes a uma determinada cultura, como partes de uma historicidade, como ocupantes de um lugar dentro do todo da existência humana.

No contexto dos estudos pós-coloniais, o sujeito colonizado é definido como o outro, a partir de um discurso que faz uso das estruturas de poder pertencentes à forma de pensar do ser humano. A esse discurso, pela via das relações de poder, a cultura do colonizador sobrepõe-se a do colonizado com um tom de naturalidade.

A essa naturalidade, Bhabha (1998) denominou ambivalência — termo

emprestado da psicanálise que significa a flutuação contínua entre querer alguma coisa e, ao mesmo tempo, desejar seu oposto. O conceito de ambivalência também descreve a complexa relação de atração e repulsa entre colonizado e colonizador. O sujeito colonizado se vê como um “filho” do império, ao mesmo tempo que se constitui como sujeito primitivo e submisso ao discurso do colonizador, ao passo que ao se construir a imagem do Outro dominante, tantos sujeitos outros passam a existir.

Essa ideia está diretamente relacionada às propostas e análises da filósofa indiana Gayatri Spivak (1985, 2010). A autora inaugura o uso do termo “outramento” [*othering*], que descreve o processo pelo qual o discurso colonialista produz seus outros. Para a filósofa (1985, 2010), por um lado, temos o Outro que domina, como o foco do desejo e do poder, representado na psicanálise, como vimos, pela mãe ou pelo pai; e nos estudos pós-coloniais, de forma análoga, pelo colonizador. Por outro lado, temos o sujeito que deseja, o sujeito ao mesmo tempo excluído e criado pelo discurso do poder. O outramento é, portanto, um processo dialético e circular em que o Outro dominante é estabelecido ao mesmo tempo que sujeitos outros são produzidos dentro do contexto da dominação (SPIVAK, 1985).

Segundo Spivak, o colonialismo constitui-se com base em relações de poder as quais se consolidam a partir de narrativas que, ao mesmo tempo, comunicam e perpetuam o processo de outramento. Por via desse processo, o povo dominante — o europeu —, construiu um discurso para justificar seus ensinamentos ao povo colonizado, fazendo com que o colonizado se espelhasse no colonizador, visse o mundo a partir daqueles olhos e tomasse a ideologia do colonizador como verdade.

Portanto, outramento refere-se, de acordo com Spivak (1985), à construção de sujeitos outros, marginalizados, frente a um grande Outro que domina e define seu modo de estar no mundo. Pelo discurso, pela via da linguagem, são construídos indicadores raciais, sexuais, religiosos, econômicos, étnicos, geográficos e ideológicos de dominação sociohistórica e cultural, que definem as posições dentro da sociedade. Em um movimento de colonialismo, e de outramento, em que são definidas margens e centralidades, a noção de Outro/outro é construída. O processo inclui uma definição de autoridade, de domínio da voz e de controle da palavra, ou seja, a apreensão e o uso dos meios de interpretação e comunicação (ASHCROFT, 2002).

Reafirmando e ampliando esse sentido, Spivak (1985, 2010) sugere que o processo de outramento é perpetuamente reafirmado pelas narrativas colonialistas. Nessas histórias, as instâncias de formação do par Outro/outro são reafirmadas no escopo de significação e atribuição de sentido do texto, estabelecendo relações de alteridade.

Outro conceito, proposto por Spivak (2010), que, de certa forma, dialoga com

o significado de outramento e aqui nos interessa, é o conceito de subalternidade. Spivak propõe sua teoria acerca da subalternidade no ensaio *Can the subaltern speak?* (2010). No texto, a autora utiliza o termo subalterno para se referir aos sujeitos oprimidos, considerados de classe inferior. A autora afirma, ainda, que no contexto do colonialismo, o subalterno não tem história, e, por isso, não pode falar. E que a mulher subalterna está ainda mais nas sombras, pois, numa escala social, é vista como o segundo outro, sendo o outro do colonizador e o outro do sujeito homem.

No texto que apresenta o conceito de subalterno, Spivak aprofunda o questionamento que dá nome a esse ensaio e conclui que o subalterno pode sim falar, no entanto seu ato de fala é ignorado, manipulado e silenciado pelo Outro. A fala do subalterno não chega aos receptores como deveria, ou jamais chega, por conta de ruídos existentes na sociedade.

## ANÁLISES E DISCUSSÃO

Elegemos *A question of power* (1973) como objeto de análise. A obra traz a história de Elizabeth, mulher sul-africana refugiada na Botswana. Uma "jornada ao inferno" é a expressão utilizada pela personagem para descrever sua história.

*A question of power* é escrito por Bessie Head, uma mulher negra que viveu na África do Sul. Em sua obra, considerada autobiográfica, a autora tratou da sua condição de refugiada, destacando questões de gênero e raça como elementos que marcaram sua busca por pertencimento e luta contra a opressão.

Elizabeth, a personagem principal do livro, tem sua vida semelhante à de Head, a autora. Na obra, a protagonista é obrigada a migrar com o filho pequeno para o vilarejo de Motabeng, na Botswana. Elizabeth é descrita como uma mulher mestiça, nascida na África do Sul, na vigência do *apartheid*, e que sofre abusos físicos e psicológicos, além de alucinações constantes. A personagem vivencia o exílio e a falta de identidade por ser uma forasteira, alguém que não pertence ao local onde vive.

A obra de Head é organizada em dois capítulos, cada um destinado a uma das personagens/ entidades que se apresentam nas alucinações de Elizabeth: Sello e Dan. O primeiro capítulo, que narra a vida da personagem e as aflições pelas quais ela passa durante os primeiros tempos em Motabeng, é intitulado "Sello". A história se inicia na África do Sul.

Elizabeth descobre, ao ser enviada para um internato, que quem a criou não era de fato sua mãe biológica, mas sim uma mãe adotiva. Ela fica sabendo, então, que sua mãe biológica, uma mulher branca, estava vivendo em um hospital psiquiátrico. Os relatos que chegam a Elizabeth são de que sua mãe biológica havia tido um envolvimento com um homem negro, o que, em uma época na qual relações entre raças e classes sociais distintas eram proibidas pela Lei da

Imoralidade, de 1957, promulgada na África do Sul, resultava, na maioria das vezes, em internação da mulher.

No descrito acima, observamos a materialidade do que traz Spivak sobre o povo dominante construir discursos para que os colonizados vejam o mundo a partir dos olhos do Outro, tomando sua ideologia como verdade. No contexto, o colonizador proíbe a aproximação entre brancos e negros e pune com o rótulo da loucura aqueles, e principalmente aquelas — duplamente subalternas — que se desviam da verdade do Outro.

Seguindo na narrativa, Elizabeth toma conhecimento das circunstâncias em que foi concebida e de como chegou a uma família adotiva. Em uma das passagens, fica evidente o fato de que Elizabeth sofria perseguição por parte das professoras do internato em que estudava, pois viam nela a possibilidade de, como sua mãe, também sofrer de alucinações:

*Nós estamos de olho em você. Você deve ter muito cuidado. Sua mãe era louca. Se você não tiver cuidado, você vai ficar louca como sua mãe. Sua mãe era uma mulher branca. Eles tiveram que a internar porque ela estava tendo uma criança do cavalição, que era nativo.* (HEAD, 2011, p. 9, tradução nossa<sup>2</sup>).

No fragmento, destacamos a relação de subalternidade e verdade estabelecida entre o emprego das expressões "mulher branca" *versus* o "cavalição nativo". O *apartheid* foi, justamente, um regime marcado pela segregação racial, que pregava a superioridade da raça branca com relação à negra.

Também no trecho é possível, a partir da teoria laciana sobre a constituição do sujeito via discurso do Outro, pensar que a dita loucura da mãe biológica de Elizabeth, pela linguagem, poderia vincular-se à psique da filha. Assim, mesmo a mãe não sendo exatamente louca, e Elizabeth não tendo conhecido e convivido com essa mãe, a partir do discurso do colonizador a personagem é, de alguma forma, perseguida por uma potencial aproximação com o estigma da mãe biológica. Podemos ir além e sugerir que é uma possibilidade, na perspectiva laciana de que é o Outro que nos diz, que o estado de alucinações de Elizabeth esteja relacionado com esse "corte".

Em outro momento da obra, quando o narrador passa a relatar fragmentos da vida adulta da personagem, na África do Sul, surge a figura do seu marido — um *gangster* recém saído da prisão — e relatos de traições, abusos físicos, sexuais e psicológicos deferidos por ele. Aqui, mais uma vez, evidencia-se a situação da mulher dentro das relações coloniais de subalternidade, sendo assujeitada pela sua condição social e simbólica.

Sobre o marido, destacamos o fragmento:

[2] "We have a full docket on you. You must be very careful. Your mother was insane. If you're not careful you'll get insane just like your mother. Your mother was a white woman. They had to lock her up, as she was having a child by the stable boy, who was a native".



*[...] Um mês mais tarde, uma vizinha aproximou-se e disse-lhe: "Você tem um marido estranho. Susie estava parada na porta da casa dela e o chamou. Ele entrou direto e eles foram para a cama. Ele tem feito isso quase todos os dias com Susie. Uma vez eu o cumprimentei e ele disse: "Que tal um beijo?" E eu disse: "Cai fora!". O que te fez casar com este traste?"*

(HEAD 2011, pp. 11-12, tradução nossa<sup>3</sup>)

[3] "[...] A month later a next-door neighbor approached her and said: 'You have a strange husband. Susie was standing outside the door and called to him. He walked straight in and they went to bed. He's been doing this nearly everyday with Susie. I once greeted him and he said: "How about a kiss?"' And I said: "Bugger off." What made you marry that thing?"

[4] No original: "[...] an almost universally adored God...".

Nele é possível pensar sobre a indagação que faz Spivak sobre a possibilidade de fala do subalterno. Elizabeth pode falar? Observamos que a narrativa é praticamente protagonizada por ela, pela sua visão contada pelo narrador, porém, no trecho que se refere ao marido (destaque acima), num ato de dizer a sua verdade sobre ele, some-lhe a voz. E quem diz do Outro que a coloniza é sua vizinha, como se a Elizabeth fosse vedado o direito de dizer daquele Outro que a domina.

Num movimento de fuga do marido e com o surgimento de uma oportunidade de emprego, a personagem refugia-se na Botswana. É quando chega ao vilarejo de Motabeng que começa a demonstrar sinais de instabilidade psíquica. A consciência da protagonista mistura-se com um estado de alucinação.

Vivendo em Motabeng com seu filho, Elizabeth, durante a noite, passa a ser visitada por uma entidade masculina, que chama de Sello — "[...] um Deus quase universalmente adorado" (HEAD, 2010, p. 16, tradução nossa<sup>4</sup>), que costuma sentar-se à beira de sua cama. Sello é descrito por ela como um monge que conversa sobre a pobreza e a África. A narrativa mostra Sello como um homem bom, mas que traz à tona a suscetibilidade de Elizabeth ao mal — e, conseqüentemente, a vulnerabilidade de toda a humanidade. Aqui, a alteridade se manifesta em Elizabeth, de forma que Sello pode ser visto como o Outro dentro dela.

Nesse momento da obra, relacionamos o estado intermitente de consciência e alucinação da personagem com os três registros de Lacan (simbólico, imaginário e real). E entendemos que Elizabeth opera entre o imaginário e o simbólico, num movimento de constituição e descoberta de si. Sello pode ser visto como um Outro, que nada mais é do que uma faceta dela mesma, necessária para que o movimento circular de significação aconteça.

Alertamos, no entanto, para outra possibilidade de leitura, a partir do que nos diz Spivak (1985), dentro do contexto do outramento, sobre quem conta a história. Elizabeth, nos parece, constrói a figura de Sello e o coloca num alto patamar. Sello é o Outro — com letra maiúscula — que discursa sua verdade, fazendo com que a personagem perceba o mundo e sua própria fragilidade a partir dos olhos desse Outro.

Em defesa dessa segunda possibilidade interpretativa, destacamos que

a figura do monge está ligada ao sexo masculino e à religião budista, que, na história, resistiu a admitir que mulheres poderiam ocupar tal posto. Ainda, podemos observar o fato de a entidade, descrita como superior e racional, considerada boa e que abre os olhos da personagem, ser do sexo masculino, a considerar que nem mesmo no mundo das alucinações, dado à loucura, uma mulher consegue pensar-se (e ser pensada) como um sujeito possível de ocupar posição superior.

Nesta primeira etapa do livro, a protagonista é descrita como uma pessoa afetada pelo fato de ser estrangeira e de não ser negra como os habitantes de onde vive. O que faz dela um sujeito sem pertencimento. Na narrativa, isso se materializa em comentários sobre sua identidade racial, quando afirma, por exemplo, "Eu não sou africana. Você não vê? Eu nunca vou querer ser africana." (HEAD, 2010, p. 195, tradução nossa<sup>5</sup>)

Em sua fala, observamos no fragmento acima, a protagonista oferece elementos que sugerem que ela despreza os negros da Botswana, o que evidenciamos como uma tentativa dela de identificação com o branco colonizador, que é parte integrante da sua condição de estar no mundo. Entre o branco e o negro, encontra-se Elizabeth, numa espécie de fuga da sua condição, isto é, de si mesma.

O segundo e último capítulo de *A question of power* narra vivências de Elizabeth ligadas ao poder exercido pela via do racismo e da sexualidade. Tal como um espelho da relação abusiva que a personagem havia enfrentado no casamento, esse capítulo conta as aparições de Dan, outra entidade que se mostra para ela, num segundo momento, como um homem promíscuo, cruel e que existe para instaurar miséria e caos a sua volta. No decorrer do texto, Elizabeth é testada por Dan a todo instante e chega a se questionar sobre uma potencial promiscuidade sua, fato que a aflige e faz pensar sobre suas ligações com a violência contra os africanos.

O movimento de Elizabeth, de perceber-se cruel e identificar-se com Dan em meio a tormentos e negações, pode ser observado pelo conceito de ambivalência, segundo Bhabha (1998). A ambivalência diz da dualidade existente na relação entre colonizador e colonizado, na qual tudo está em perspectiva. Observemos o trecho:

*Ele veio do nada. Ele veio do espaço sideral. Ele veio em nuvens mágicas, com tamanho brilho romântico que toda a terra e os céus estavam em profundo silêncio antes do rugido de sua chegada. Em um momento, ela estava sentada, perdida em reflexão meditativa, silenciosamente juntando os pedaços de seu sistema nervoso, noutra um clamor terrível engoliu a vida dela.* (HEAD, 2011, pp. 107-108, tradução nossa<sup>6</sup>)

[5] "I'm not an African. Don't you see? I never want to be an African".

[6] "He came along from out of nowhere. He came along from outer space. He came along in clouds of swirling, revolving magic, with such a high romantic glow that the whole of earth and heaven were stunned into silence before the roar of his approach. One moment she had sat lost in brooding reflection on all enigmas of the soul, quietly mending the raw ends of her shattered nervous system, the next a terrible clamour engulfed her life."

A partir do conceito proposto por Bhabha (1998), podemos perceber o quão ambivalente é a postura de Elizabeth com relação a Dan. Num momento, está apaixonada por ele e, no seguinte, sente-se engolida por sua crueldade e domínio. O fragmento acima também pode ser observado, movimento identificado também em outros momentos da obra, como uma tentativa da protagonista de identificar-se com alguém, isto é, de pertencer. E porque não pertencer/ser o colonizador?

Ainda nesse último capítulo, questões de gênero, no que tange à colonização da mulher, aparecem em grande medida. Num primeiro momento, Dan seduz Elizabeth, mostrando a ela prazeres eróticos e dando-a a ilusão de um romance a dois.

No decorrer do texto, o cenário se transforma em uma sucessão de atos cruéis, marcado por práticas sexuais impostas. Dan, usando um suposto direito divino de deliberar sobre os atos das mulheres que ele controla, ordena que façam o que ele deseja. A entidade domina psicologicamente Elizabeth. Nas visões que ele lhe impõe, estão presentes figuras femininas grotescas, que representam a sexualidade da protagonista. Dan tem relações sexuais insistentemente na presença de Elizabeth, agredindo-a mentalmente.

*[...] Então ele [Dan] simplesmente jogou a garota na cama ao lado de Elizabeth e transou com ela a noite toda. As luzes da tela de cinema da sua cabeça estavam desligadas, mas não sua atividade. Eles continuaram acordando-a com o barulho até o amanhecer, quando transaram pela última vez.*

*Ele apertava vários botões ao mesmo tempo:*

*— Você deve se sentir enciumada.*

*— Você é inferior porque é mestiça.*

*— Você não tem o que essa garota tem.*

(HEAD, 2011, p. 134, tradução nossa<sup>7</sup>)

[7] "Then he simply tumbled the girl right into bed beside Elizabeth and went with her the whole night. The lights on the cinema screen of her mind were down, but not their activity. They kept on bumping her awake till at dawn they made the last bump, bump, bump. He pressed several buttons at the same time: 'You are supposed to feel jealous.' 'You are inferior as a coloured.' 'You haven't got what that girl has got.'"

Nesse sentido, podemos observar que as alucinações de Elizabeth e as configurações femininas apresentadas por Dan aparecem simbolizando uma forma de dominação, de colocar Elizabeth na condição de subalterna desse mais uma vez homem e mais uma vez superior a ela.

As tormentas promovidas por Dan continuam até que Elizabeth sofre um colapso. Podemos entender tal acontecimento simbolicamente como a representação da internalização do comportamento hostil e violento da sociedade com relação às mulheres pela protagonista, o que Spivak (2010) destacou em seus estudos sobre a subalternidade e a subalternidade feminina.

Em uma mudança brusca da narrativa, a protagonista consegue reunir forças, rompendo com a lógica da colonização e questionando sua condição de

subalterna. Ela passa a contar a sua própria história, com a sua voz, resignificando sua existência. Elizabeth, nas páginas finais do livro, aparece feliz ao lado de seu filho, que é descrito por ela como a materialização da bondade e da sua crença nos poderes da humanidade, e de Kenosi, uma mulher do povoado que não a julga ou recrimina pela sua condição mestiça e a respeita como igual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas pós-coloniais, dentro das quais o livro de Bessie Head está inserido, partem de um movimento de escrita de resistência [*writing back*], que busca contar a história a partir da perspectiva do colonizado ou subalterno. As relações entre o centro e a margem, entre o Outro e seus outros, e seus sistemas de poder, são inscritas e reinscritas na literatura. No escopo dos processos de outramento, a possibilidade de um contra-discurso, movimento que faz o pós-colonialismo, é fundamental para que possa existir a história dos outros.

No livro *A question of power*, Elizabeth, após um difícil percurso, marcado pela sua existência de margem (mulher, mestiça e refugiada), consegue protagonizar a sua história e reconstruir sua identidade. Para além da literatura, isso seria possível?

Sabemos que é difícil pensar na voz do outro com letra minúscula sem a vigia e o "corte" da voz do Outro; que é difícil pensar nas relações entre colonizadores e subalternos sem a ambivalência construída e alimentada ao longo da nossa história. Também sabemos que, no caso de uma mulher, o outramento se faz dobrado, o que exigiria o dobro para revertê-lo. Ainda, sabemos que o Outro é que nos diz. Sabemos! Mas também sabemos que é na linguagem que o sujeito se constitui. Assim, se a linguagem faz nascer o subalterno, é pela mesma via, a da linguagem, que ele pode re-existir. Que comecemos escrevendo nossa nova história, com a nossa voz, como fez Elizabeth. Com essa história inscrita estaremos mais próximos de vivê-la. ■

**RENATA SANTOS DE MORALES** – Mestra em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis – UNIRITTER, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutoranda em Letras na mesma instituição. Contato: [renatasmorales@gmail.com](mailto:renatasmorales@gmail.com)

**JULIANA FIGUEIRÓ RAMIRO** – Mestra em Design pelo Centro Universitário Ritter dos Reis – UNIRITTER, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutoranda em Letras na mesma instituição. Contato: [admin@julianaramiro.com.br](mailto:admin@julianaramiro.com.br)

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASHCROFT, B.; GARETH, G.; TIFFIN, H. *The Empire Writes Back*. London: Routledge, 2002.

\_\_\_\_\_. *Post-colonial Studies: the key concepts*. London: Routledge, 2007.

BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

GOLSE, B. *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HEAD, Bessie. *A question of power*. London: Penguin Books, 2011.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

NASIO, J.-D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARTRE, J. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Porto Alegre: Editora Vozes, 2016.

SPIVAK, Gayatri C. *The Rani of Sirmur. In: Europe and Its Others*. Colchester: University of Essex, 1985

\_\_\_\_\_. *Can the Subaltern Speak?: Reflections on the History of an Idea*. Columbia: Columbia University Press, 2010.